

TEATRO

# A Comuna festeja aniversário sobre carris

Com estreia de peça original e a tradicional festa noite dentro, o grupo comemora os 27 anos

ELISABETE FRANÇA

A descoberta do amor, sonhos e decepções, na iniciação de um grupo de jovens ao estado adulto. Disso trata *Inter-Rail*, peça de Abel Neves, encenada por Álvaro Correia, que A Comuna estreia hoje em Lisboa, na festa dos seus 27 anos, querendo também com o espectáculo homenagear os 25 anos da Revolução de Abril. Para isso encomendou o director João Mota o texto ao autor.

A festa inclui, antes da estreia (às 21 e 30), lançamento do texto da peça, editado por Livros Cotovia, seguido de *cocktail* (18 horas). À meia-noite, na passagem ao dia de aniversário, conforme a tradição, há bolo e parabéns no Café-Teatro. Seguem-se actuações de Zé Salgueiro e Troupe Boomerang, «bossa nova» com Célio Bularniqui e Teresa Velez e bailariço pela noite dentro. Ainda segundo a tradição, o espectáculo de amanhã à noite é gratuito.

*Inter-Rail* põe em cena um grupo de amigos quase adoles-

centes. Entre eles, Inês (Margarida Cardeal) e Maio (Hugo Sequeira), no par principal, face a face com um par de adultos – o pai dela (Alfredo Brissos) e a mãe dele (Manuela Couto). As interações mostram que, afinal, os problemas afectivos dos mais novos e dos mais velhos não variam muito: diferem experiências, memórias e referências que transportam no *Inter-Rail* da vida. Uns e outros «procuram o mesmo, nos carris que cruzam este espectáculo», nota Abel Neves. Procuram o amor. Como a mãe de Maio dirá aos jovens, «a vossa vida é uma navegação e nós estamos lá».

Além de um outro adulto (Victor Soares), viajante a caminho do Alentejo, há também um semi-abrigo (Alexandre Lopes), o homem das marionetas, a pontuar algumas cenas, com aquelas miando excertos da *Flauta Mágica*, de Mozart, e introduzindo aqui quer a dimensão mítica quer a dimensão simbólica do percurso iniciático. O que o autor considera «um atrevimento» seu, inte-



INICIAÇÃO. «Inter-Rail», de Abel Neves, aborda a busca e a descoberta do amor por um grupo de quase adolescentes

ressando-lhe «que alguns entendimentos, da parte sobretudo de duas personagens (Inês e Maio), pudessem tocar o solo fértil de civilizações remotas e encontrar orientações que possam confortar a nossa existência no mundo: mitos da fertilidade, do renascimento, da ressurreição, tudo perto da vida de um par amoroso, a quem retalhos do passado vão acompanhando».

Porque «a sua celebração pode dar-nos impulso para verificar que ainda estamos perto do sublime e Mozart transmitiu-o duma forma genial». Abel Neves, que se

diz avesso a comemorações, quis escrever uma história fora dos limites delas, embora reconheça que, «naturalmente, haja cruzamentos de sentidos». Quanto ao sentido mais amplo que visou, remete para a citação de Kepler, usada em epígrafe do texto: «O brilho dos astros faz a melodia, a Natureza abaixo da Lua dança segundo as leis dessa melodia.»

Álvaro Correia, que se estreara na encenação com *O Voo das Borboletas*, outra peça centrada num grupo de jovens, aceitou o convite para esta, por gostar muito de *Inter-Rail*, «na força da sua dimen-

são poética e onírica, uma peça mais optimista, na sua ligação ao amor como ligação universal ao cosmos». Nestes «filhos dos que viveram o 25 de Abril», o encenador vê «personagens em busca do amor como equilíbrio fundamental» e maravilha-se com o entusiasmo dos actores, ainda estudantes da Escola Superior de Teatro. Além dos já referidos, Carlos Oliveira, Isabel Abreu, Joana Brandão, Joana Seixas, João Tempera e Manuel Sermão. O cenário é de Luís Santos, a direcção musical de José Pedro Caiado e a luz de Paulo Graça.